

FICHA TÉCNICA

Título original: *If I Stay*

Autora: *Gayle Forman*

Copyright © 2009 by Gayle Forman

Os direitos morais da autora estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2010

Tradução: *Rita Graña*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, março, 2010

2.ª edição, Lisboa, junho, 2013

3.ª edição, Lisboa, agosto, 2014

4.ª edição, Lisboa, setembro, 2014

Depósito legal n.º 305 867/10

Reservados todos os direitos para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para o Nick
Por fim... Para sempre

Prefácio

A História por detrás da História

Era uma vez uma família: uma mãe, um pai, um rapazinho como Teddy e um outro rapazinho que não passava de um bebé. E era uma vez um dia de neve. E uma viagem de carro. E um misterioso acidente de carro. E uma tragédia incomensurável.

Era uma vez um membro dessa família que aguentou um pouco mais, embora quando as notícias chegaram até mim, que estava no campo, no estado de Nova Iorque, a devastação já fosse total. Contudo, a tenacidade desse rapazinho, seguida da sua rendição, nunca mais me deixou. Será que esse rapaz sabia o que havia acontecido ao resto da sua família? Será que escolhera partir com eles?

Era uma vez uma família de quatro, cheia de vida. E que, depois, deixou de existir. Aquilo que ficou em seu lugar foi o desgosto. O meu e o de muitas outras pessoas.

Mas aquilo que também ficou foi algo que não consegui compreender plenamente, do fundo da minha mágoa. À medida que vários amigos, vindos de todo o país, se reuniam de forma espontânea para um velório *ad hoc* na cidade de Oregon, onde os nossos amigos tinham vivido

em tempos, enquanto lambíamos as nossas feridas e nos deixámos mergulhar de cabeça na nossa perda, senti uma clareza, uma orientação, uma bússola moral. Como iria aquela tragédia mudar-nos? Como iríamos *nós* mudar-nos a nós mesmos? Como poderíamos fazer frente àquela situação; não só das suas mortes, mas também das nossas vidas? Quando a tristeza começou a tornar-se dilacerante, quando senti uma profundidade em termos de mágoa que nunca antes conhecera, descobri algo que me pareceu divino. Será que os nossos amigos acabados de partir olhavam por nós? Seria isso Deus?

É claro que aquela dor transcendente não dura para sempre. As trevas descem sobre nós, a atrocidade da perda por que passamos não deixa de nos surpreender. Mas a vida normal continua, sem parar, e, aos poucos, a nossa perda vai normalizando, vai-se integrando na vida de todos os dias até que, três ou cinco anos depois, descobrimos que estamos bem, mudados, mas... mas que ainda somos capazes de ouvir as vozes dos nossos amigos, de contar histórias sobre eles, de pensar neles todos os dias. E que ainda ponderamos sobre questões relacionadas com eles, como se um deles tivesse optado por morrer ao descobrir que toda a sua família havia sido eliminada da face da Terra.

Foi no meio desse nevoeiro que um dia, quase sete anos depois, uma estranha me apareceu na cabeça. O seu nome era Mia. Tinha 17 anos e tocava violoncelo (o que para mim constituía uma novidade, pois não sabia nada sobre violoncelos e muito pouco acerca de música clássica). Mia não tinha qualquer espécie de relação com as pessoas a que me referi. Porém, assim que a conheci, percebi que ela iria levar-me numa viagem, ao longo da

qual me responderia à questão que vivia em mim há tanto tempo: *O que farias se tivesses de escolher?* Quando comecei o livro, não sabia qual iria ser a resposta de Mia; sabia apenas que apenas ela a poderia dar, com base na vida ficcional que ela e eu estávamos a criar em conjunto.

Muitas pessoas me perguntam se escrever o livro foi um processo demasiado emotivo ou difícil. Foi emotivo, sim. Escrevi através de um muro de lágrimas. Mas isso é o contrário de difícil. Uma parte dessa graça transcendente dos dias após a tragédia regressou a mim. Talvez tal se devesse ao facto de estar a criar personagens que eram de certo modo baseados em amigos que adorava, de tal maneira que me tornava a ver profundamente entranhada no seu mundo. Era como se todos eles estivessem na sala em que eu escrevia.

E, de certa forma, estavam mesmo. De certa forma, nunca me tinham deixado. E, no fundo, a questão é esta, não é? É assim que conseguimos sobreviver à perda. Porque o amor nunca morre, nunca se vai embora, nunca esmorece, desde que não o deixemos partir.

O amor pode tornar-nos imortais.

7h09

Toda a gente acha que foi por causa da neve. E, de certa forma, creio que não deixa de ser verdade.

Quando acordo esta manhã, dou com uma fina camada branca a cobrir o relvado de nossa casa. Não deve ter mais de dois centímetros, mas, nesta parte do Oregon, a mínima poeira parece deixar tudo em suspenso, enquanto o único limpa-neve da região se multiplica em esforços a limpar as estradas. O que cai do céu é água molhada — e cai sem parar — e não água daquela congelada.

É o suficiente para a escola fechar. Teddy, o meu irmão mais novo, solta um grito de guerra quando a rádio local que a mãe ouve anuncia o encerramento da escola.

— É dia de neve! — grita ele. — Pai, vamos fazer um boneco de neve!

O meu pai sorri e dá uma pancadinha ao de leve no seu cachimbo. Começou a fumar cachimbo para compor o estilo *retro* de «Pai Que Sabe Tudo» à década de 1950 que resolveu adotar recentemente. Agora também usa laço. Ainda não percebi bem se tudo isto é uma questão de estética ou de ironia; se é uma espécie de maneira de anunciar que deixou de ser fã de *punk* para passar a ser professor de Inglês numa escola secundária ou se o facto de se ter tornado professor transformou o meu pai numa pessoa verda-

deiramente retrógrada. Mas gosto do cheiro do cachimbo. É adocicado e acre, e lembra-me invernos e lareiras.

— Podes tentar — responde o pai a Teddy. — Mas não acredito que se aguentem em pé. Talvez devas considerar a hipótese de construir uma ameiba de neve.

Percebo que o pai está feliz. Pouco mais de dois centímetros de neve significa que todas as escolas da região estão fechadas, incluindo a minha e aquela em que ele trabalha, de maneira que este é, também para ele, um dia inesperado. A minha mãe, que trabalha numa agência de viagens na cidade, desliga o rádio e serve-se de uma segunda chávena de café.

— Bem, se vocês vão fazer gazeta, nem pensem que eu vou trabalhar. Não seria justo. — Pega no telefone e liga para o escritório. Quando termina, olha para nós. — Querem que prepare o pequeno-almoço?

O pai e eu soltamos uma gargalhada ao mesmo tempo. A mãe só sabe fazer cereais e torradas. O pai é que é o cozinheiro da família.

A mãe finge que não nos ouve. Abre a despensa e pega numa caixa de preparado para panquecas.

— Por favor. Não pode ser assim tão difícil. Quem quer panquecas?

— Eu! Eu! — grita Teddy. — Podemos pôr pepitas de chocolate por cima?

— Não vejo porque não — replica a mãe.

— Iupi! — guincha Teddy, esbracejando na cadeira.

— Tens demasiada energia para esta hora da manhã — espicaço-o. Em seguida, volto-me para a mãe. — Se calhar não é boa ideia deixá-lo beber tanto café.

— Já o pus a descafeinado — replicou a mãe. — Mas ele tem uma exuberância natural.

— Desde que não me ponham *a mim* a descafeinado... — respondo.

— Isso seria exploração infantil — diz o pai.

A mãe entrega-me uma caneca fumegante e o jornal.

— Está aí uma bela fotografia do teu rapazinho — diz ela.

— A sério? Uma fotografia?

— Sim. Ficam-se por aí as vezes que o vimos desde o verão — acrescenta, olhando para mim com o sobrolho arqueado, naquela que é a sua versão de um olhar perscrutante.

— Pois é — respondo, e depois, sem querer, suspiro. A banda de Adam, os Shooting Star, está em grande, o que é ótimo, quase sempre.

— Ah, a fama, desperdiçada na juventude — comenta o pai, ainda que com um sorriso no rosto. Sei que está contente por Adam. Se não mesmo orgulhoso.

Folheio o jornal até chegar à parte da agenda semanal. Há uma pequena sinopse acerca dos Shooting Star, com uma fotografia ainda mais pequena dos quatro membros da banda, ao lado de um artigo enorme dos Bikini e de uma fotografia gigantesca da sua vocalista: a diva *punk-rock* Brooke Vega. A parte acerca dos Shooting Star diz basicamente que aquela banda local vai fazer a abertura do concerto que os Bikini vão dar em Portland, como parte da sua digressão nacional. Não faz sequer referência ao estrondoso facto de, na noite anterior, os Shooting Star terem feito uma atuação espetacular num clube em Seattle e de, segundo o que Adam me escrevera numa mensagem que me enviara à meia-noite, os bilhetes terem esgotado.

— Estavas a pensar ir ao concerto hoje? — pergunta-me o pai.

— Sim. Mas não sei se irão fechar o estádio todo por causa da neve.

— De facto, vem mesmo aí uma tempestade — diz o pai, enquanto aponta para um único floco de neve que flutua em direção à terra.

— Além de que supostamente deveria ensaiar com um pianista qualquer da universidade que a professora Christie desencantou sabe-se lá de onde. — A professora Christie é uma professora de Música reformada, que dava aulas na universidade e com quem tenho trabalhado nos últimos anos. A professora Christie anda sempre à cata de vítimas com quem eu possa tocar. «Temos de manter-te afinada, para que possas mostrar a esses snobes da Juilliard como é que se toca», costuma ela dizer.

Eu ainda não entrei na Juilliard, mas a audição correu-me muito bem. A suíte de Bach e o Chostakovitch tinham-me corrido melhor do que nunca, como se os meus dedos fossem uma extensão das cordas e do arco. Quando acabei de tocar, ofegante, com as pernas a tremer pela força que fiz para mantê-las juntas, um dos juízes bateu palmas durante um bocadinho, o que imagino que não deve acontecer muitas vezes. Enquanto eu me arrastava dali para fora, esse mesmo juiz disse-me que há muito tempo que a escola não via uma «rapariga do campo vinda do Oregon». Segundo a professora Christie, não havia qualquer dúvida de que esse era um sinal de que eu iria entrar. Eu não tinha tanta certeza. Nem sabia ao certo se queria que isso fosse verdade. Tal como a ascensão meteórica dos Shooting Star, a minha admissão à Juilliard (se viesse a concretizar-se) iria ter algumas consequências ou, para ser mais concreta, iria materializar as complicações que têm surgido ao longo dos últimos meses.

— Preciso de mais café. Mais alguém quer? — pergunta a mãe, pairando sobre mim com a velha cafeteira na mão.

Sinto o aroma do café, da mistura francesa, tostada e escura que todos lá em casa preferimos. Só o cheiro deixa-me arrebitada.

— Estou a pensar em voltar para a cama — anuncio.
— O meu violoncelo está na escola, por isso nem sequer posso ensaiar.

— Não vais ensaiar? Durante vinte e quatro horas? Não sei se o meu coraçãozinho aguenta! — exclama a minha mãe. Apesar de ter aprendido a gostar de música clássica ao longo dos anos («é como aprender a apreciar um queijo fedorento»), nem sempre foi grande fã dos meus intermináveis ensaios.

Ouçõ um estrondo vindo do andar de cima. Teddy golpeia a minibateria que antes era do pai, no tempo em que ele era baterista numa banda famosa na nossa cidade mas desconhecida no resto do mundo; no tempo em que trabalhava numa loja de discos.

O pai sorri com o barulho de Teddy e, ao reparar nesse sorriso, sinto um aperto que me é familiar. Sei que é uma tolice, mas sempre pensei para comigo se o pai não estará desapontado comigo por eu não me ter tornado uma *rock chick*. Era essa a minha intenção. Mas então, na terceira classe, comecei a aproximar-me do violoncelo nas aulas de Música: era um instrumento que me parecia quase humano. Parecia que, se o tocássemos, ele nos contaria segredos, de maneira que foi isso que fiz. Já passaram quase dez anos e nunca mais deixei de o fazer.

— Lá se vai a ideia de dormir mais um pouco — grita a mãe por cima do ruído de Teddy.

— Quem diria que a neve já está a derreter — diz o pai ao mesmo tempo que puxa uma baforada do cachimbo. Dirijo-me à porta das traseiras e espreito lá para fora. Um raio de sol rompeu por entre as nuvens e ouço o sibilo do gelo a derreter. Fecho a porta e volto para a mesa.

— Acho que o condado exagerou.

— Talvez. Mas agora não podem «descancelar» a escola. Agora já está e eu já pedi para tirar o dia — diz a mãe.

— Pois é. Mas podíamos tirar proveito desta bênção inesperada e ir a algum lado — sugere o pai. — Podíamos ir dar uma volta. E se fôssemos visitar Henry e Willow? — Henry e Willow são alguns dos amigos da música dos meus pais que também tiveram filhos e decidiram passar a portar-se como adultos. Moram numa quinta enorme e antiga. Henry trabalha em coisas ligadas à Internet no celeiro que eles transformaram em escritório e Willow trabalha num hospital que fica ali perto. Têm uma filha que ainda é bebé. É esse o verdadeiro motivo pelo qual os meus pais lá querem ir. Como Teddy acabou de fazer oito anos e eu já tenho dezassete, há muito que perdemos aquele cheiro a leite azedo que tanto derrete os adultos.

— Podemos parar no BookBarn no regresso a casa — lança a mãe, como que para convencer-me. O BookBarn é uma loja gigantesca e poeirenta de livros usados. Nas traseiras têm uma pilha de discos clássicos a vinte e cinco cêntimos que ninguém parece comprar exceto eu. Tenho montes deles escondidos debaixo da cama. Uma coleção de discos de música clássica não é propriamente aquilo que mais se queira publicitar.

Mostrei-os a Adam, mas só depois de já namorarmos há cinco meses. Estava à espera que ele se desatasse a rir.

Ele é daquele género tão *cool* com as suas calças de ganga dobradas em baixo e os seus ténis pretos, as suas *T-shirts punk-rock* naturalmente coçadas e as suas tatuagens discretas. Ele é mesmo o género de rapaz que não tem nada a ver com uma pessoa como eu. Foi precisamente por isso que, quando o apanhei a olhar para mim pela primeira vez, numa das salas de música da escola, há dois anos, achei que estava a gozar comigo e escondi-me. Afinal, não se riu. Afinal, ele também tinha uma pilha poeirenta de discos *punk-rock* escondida debaixo da cama.

— Também podemos passar por casa dos avós para jantarmos bem cedinho com eles — sugere o pai, já de mão estendida para o telefone. — Terás mais do que tempo para chegar a Portland — acrescenta, enquanto marca o número.

— Boa — afirmo. Não é a isca do BookBarn, nem o facto de Adam estar em digressão, nem de Kim, a minha melhor amiga, andar ocupada a tratar do anuário. Nem foi por o meu violoncelo estar na escola, nem por poder ficar em casa a ver televisão ou a dormir. Apetecia-me de facto ir com a minha família. Este é mais um detalhe que não se publicita, mas Adam também o compreende.

— Teddy! — chama o pai. — Veste-te. Vamos partir à aventura.

Teddy termina o seu solo de bateria com um estrondo de címbalos. Poucos momentos depois, irrompe pela cozinha completamente vestido, como se tivesse enfiado as roupas ao mesmo tempo que deslizava pelas íngremes escadas da nossa casa vitoriana.

— *School's out for summer...* — canta ele.

— Alice Cooper? — pergunta o pai. — Mas será que baixámos o nível nesta casa? Ao menos canta os Ramones.

— *School's out forever* — continua Teddy a cantar, apesar dos protestos do pai.

— És sempre o mesmo otimista — digo eu.

A mãe ri-se. Pousa um prato de panquecas ligeiramente chamuscadas na mesa da cozinha.

— Comam, família.

8h17

Entramos no carro, um *Buick* ferrugento que já estava velho quando a avó o ofereceu, depois de Teddy ter nascido. A mãe e o pai perguntam-me se quero guiar, mas eu recuso. O pai desliza para trás do volante. Hoje em dia gosta de guiar. Durante anos recusou-se terminantemente a tirar a carta e insistia em ir de bicicleta para todo o lado. Quando era músico, a sua recusa em guiar implicava que os outros membros da banda se vissem obrigados a passar horas atrás do volante sempre que estavam em digressão. Voltavam-se para o meu pai e reviravam os olhos. A mãe tinha feito um pouco mais do que isso. Tinha-o massacrado, persuadido e por vezes gritado até com ele para convencê-lo a tirar a carta, mas o pai insistia que preferia pedalar.

— Bem, então é melhor começares a pensar em construir uma bicicleta que consiga transportar uma família de três e que nos mantenha secos quando chover — exigira. Ao que o pai se rira e respondera que lhe arranjaría aquilo que ela queria.

Todavia, quando engravidou de Teddy, a mãe fez finca-pé. Já chega, disse. O pai percebeu que algo mudara. Deixou de argumentar e tirou a carta. Também voltou

para a faculdade para se tornar professor. Imagino que não fizesse muito mal continuar em estado de desenvolvimento embargado com apenas um filho. Mas com dois era tempo de crescer. Era tempo de começar a usar um laço.

Hoje de manhã está com um, conjugado com um casaco olho de perdiz e com sapatos clássicos de atacadores.

— Estou a ver que vais equipado para a neve — comento.

— Eu cá sou como o correio — responde o pai, enquanto raspa a neve do carro com um dos dinossauros de plástico de Teddy que encontrou espalhados pelo relvado. — Nem a geada, nem a chuva, nem uns meros centímetros de neve me farão vestir-me como um lenhador.

— Ei, os meus parentes eram lenhadores — avisa a mãe. — Não vale gozar com a ralé.

— Nem tal ideia me passaria pela cabeça. Estava apenas a fazer comparações estilísticas.

O pai tem de ligar a ignição várias vezes até o carro, depois de se engasgar várias vezes, conseguir acordar para a vida. Como de costume, segue-se uma batalha pelo domínio estereofónico. A mãe quer ouvir notícias. O pai quer Frank Sinatra. Teddy quer SpongeBob SquarePants¹. Eu quero a estação de música clássica, mas, como reconheço que sou a única fã de música clássica da família, estou disposta a ceder um pouco e a optar pelos Shooting Star.

O pai faz de juiz.

¹ *Cartoon* em desenho animado, criado por Stephen Hillenburg. (NR)

— Uma vez que hoje estamos a faltar à escola, devíamos ouvir as notícias, para não nos tornarmos ignorantes...

— E muito menos burgessos — atira a mãe.

O pai revira os olhos, pouisa a mão sobre a da mãe e aclara a garganta daquela forma como só os professores sabem fazer.

— Como eu estava a dizer, notícias primeiro e, quando as notícias chegarem ao fim, a estação de música clássica. Teddy, não vamos torturar-te com isso. Podes usar o *Discman*. — E o pai começa a desligar o aparelho portátil que tem ligado ao rádio do carro. — Mas não podes ouvir Alice Cooper no meu carro. Estás proibido. — O pai estende a mão até ao porta-luvas para inspecionar o que está lá dentro. — E que tal Jonathan Richman?

— Quero SpongeBob. Está lá dentro — grita Teddy, aos pulos para cima e para baixo enquanto aponta para o *Discman*. Não há dúvida de que as panquecas cobertas com pepitas de chocolate e embebidas em calda acabaram por contribuir para a sua superexcitação.

— Meu filho, tu partes-me o coração — brinca o pai. Tanto o Teddy como eu crescemos ao som das melodias idiotas de Jonathan Richman, o santo padroeiro musical dos meus pais.

Depois de tomadas as decisões musicais, arrancamos. A estrada ainda conserva alguns pedaços de neve, mas a maior parte está apenas molhada. Porém, estamos no Oregon. As estradas estão sempre molhadas. A mãe costumava dizer, a brincar, que era quando as estradas estavam secas que as pessoas se metiam em sarilhos. «Tornam-se convencidas, não tomam cuidado com nada, guiam que nem umas malucas. Os polícias passam o dia a passar multas de excesso de velocidade.»

Encosto a cabeça à janela do carro e observo o cenário a passar rapidamente ao meu lado, um quadro de pinheiros verde-escuros pintalgados de neve, fios translúcidos de neblina branca e, por cima de nós, pesadas nuvens cinzentas que anunciam tempestade. Faz tanto calor dentro do carro que os vidros estão sempre a ficar embaciados e eu aproveito para desenhar pequenos rabiscos na condensação.

Quando as notícias chegam ao fim, mudamos para a estação de música clássica e ouço os primeiros compassos da *Sonata n.º 3 para Violoncelo* de Beethoven, que era exatamente a peça em que devia ter ficado a trabalhar esta tarde. Parece uma espécie de coincidência cósmica. Concentro-me nas notas, enquanto me imagino a tocar, sentindo-me grata por aquela possibilidade de ensaiar, feliz por estar num carro quente com a minha sonata e com a minha família. Fecho os olhos.

Não esperava que o rádio funcionasse a seguir. Mas funciona.

O carro está todo estripado. O impacto de uma carrinha *pick-up* de quatro toneladas, que avançava a noventa e cinco quilómetros por hora, a embater em cheio no lado dos passageiros, teve a força de uma bomba atómica. Arrancou as portas, atirou o banco do passageiro pela janela do lado do condutor. Virou o chassi, que foi a saltar pela estrada fora, e rasgou o motor, como se este não fosse mais consistente do que uma teia de aranha. Lançou pneus e jantes para o meio da floresta. Ateou partes do combustível do depósito, de maneira que agora pequenas fogueiras lambem a estrada molhada.

E o barulho foi muito. Uma sinfonia de trituração, um coro de estouros, uma ária de explosões e, por fim, o triste aplauso do duro metal a cortar as árvores. Então, tudo ficou em silêncio, a não ser um pormenor: a *Sonata n.º 3 para Violoncelo* de Beethoven, que continua a tocar. O rádio do carro devia estar ligado a uma bateria qualquer e, assim, Beethoven continua a ser transmitido para aquela que voltava a ser uma tranquila manhã de fevereiro.

De início achei que estava tudo bem. Em primeiro lugar, porque conseguia ouvir Beethoven. Depois, pelo facto de me encontrar numa vala à beira da estrada. Quando olho para baixo, a saia de ganga, a camisola de lã e as botas pretas que vesti de manhã parecem estar exatamente como estavam quando saí de casa.

Trepo a vala para conseguir ver melhor o carro. Já nem se pode chamar àquilo um carro. É mais um esqueleto de metal, sem assentos nem passageiros. O que significa que o resto da minha família deve ter sido cuspidado para o exterior, tal como eu. Limpo as mãos à saia e avanço pela estrada à procura deles.

Vejo primeiro o pai. Mesmo a vários metros de distância, reparo na saliência do cachimbo no bolso do seu casaco.

— Pai! — chamo, mas, à medida que me aproximo dele, o chão começa a tornar-se escorregadio e aparecem à minha frente pedaços cinzentos daquilo que me parecem couves-flor. Reconheço quem estou a ver mesmo à minha frente, mas, de certa forma, é como se não me parecesse bem o meu pai. O que me vem à cabeça são aquelas notícias sobre tornados ou incêndios; sobre a forma como devastam determinada casa mas deixam a do

lado intacta. No asfalto estão pedaços do cérebro do meu pai. Mas o seu cachimbo permanece no bolso esquerdo do casaco.

A seguir, vejo a mãe. Nela, não há praticamente vestígios de sangue, mas os seus lábios já estão azuis e a parte branca dos seus olhos está completamente encarnada, como um demónio de um filme de terror de baixo orçamento. O seu aspeto é absolutamente irreal. E é essa visão, da minha mãe como um *zombie* ridículo, que liberta em mim um lampejo de pânico.

Preciso de encontrar Teddy! Onde está ele? Começo a girar em torno de mim, subitamente frenética, como daquela vez em que o perdi por dez minutos na mercearia. Achava que o tinham raptado. Claro que ele tinha avançado para inspecionar o corredor das guloseimas. Quando o encontrei, não sabia bem se havia de abraçá-lo ou de gritar com ele.

Volto a correr para a vala de onde vim e vejo uma mão espetada.

— Teddy! Estou aqui! — chamo. — Agarra-te a mim. Eu puxo-te. — Porém, quando me aproximo, vejo o brilho metálico de uma pulseira com uns pendentos minúsculos em forma de violoncelo e de guitarra. Foi Adam quem ma deu, quando fiz dezassete anos. É a *minha* pulseira. Estava com ela hoje de manhã. Olho para o meu pulso. Ainda *estou* com ela.

Aproximo-me cada vez mais e apercebo-me de que não é Teddy quem está ali deitado. Sou eu. O sangue que me saiu do peito ensopou-me a camisa, a saia, a camisola e forma agora pequenas poças encarnadas na neve virgem. Tenho uma das pernas virada para o lado e a pele e o músculo estão de tal modo rasgados que se veem listras brancas de

osso. Os meus olhos estão fechados e o meu cabelo castanho-escuro é uma pasta molhada, empapada em sangue.

Volto-me para trás e afasto-me. Isto não é justo. Isto não pode estar a acontecer. Somos uma família que vai dar um passeio. Isto não é verdade. Devo ter adormecido no carro. — Não! Para. Por favor, para. Acorda, por favor! — grito para o ar gelado. Está frio. A minha respiração devia fazer vapor. Mas não faz. Fito o meu pulso, o que parece estar bem, ileso, sem sombra de sangue ou de ferimentos. Belisco-o com toda a força.

Não sinto nada.

Já tive pesadelos (daqueles em que estou a cair, ou em que estou a tocar violoncelo num recital sem conhecer a partitura, ou em que eu e Adam acabamos tudo), mas sempre consegui obrigar-me a abrir os olhos, a erguer a cabeça da almofada, a pôr um travão no filme de terror que se desenrola por detrás das minhas pálpebras fechadas. Tento de novo. — Acorda!, grito. — Acorda! Acorda, acorda, acorda! Mas não consigo. Não consigo.

Então, ouço algo. É a música. Ainda consigo escutar a música. Então concentro-me nela. Dedilho as notas da *Sonata n.º 3 para Violoncelo* de Beethoven, como faço muitas vezes com peças em que ando a trabalhar. Adam chama-lhe «violoncelo de ar». Está sempre a perguntar-me se um dia podemos tocar em dueto; ele em guitarra de ar, eu em violoncelo de ar.

— Quando terminarmos, podemos destruir os nossos instrumentos de ar — diz ele a brincar. — Sabes muito bem que te ia apetecer.

Toco, concentrada na música, até ao último fio de vida do carro morrer, e então a música acaba com ele.

Daí a pouco, vêm as sirenes.

Estarei morta?

Tenho mesmo de colocar esta pergunta a mim mesma.

Estarei morta?

A princípio parece-me óbvio que sim. Que a parte de estar ali a observar tudo seria temporária; um interregno antes da luz brilhante e daquela história da minha vida a passar diante de mim; e que a seguir passaria para onde quer que se vá a seguir.

Só que agora chegaram os paramédicos, assim como a polícia e os bombeiros. Alguém estendeu um lençol sobre o meu pai. Um bombeiro guarda a minha mãe num saco de plástico e puxa o fecho eclair. Ouço-os a falar sobre ela com um outro bombeiro, que não pode ter mais de dezoito anos. O mais velho explica-lhe que o mais provável é que tenha sido ela a sofrer o impacto em primeiro lugar e que tenha morrido instantaneamente, o que explica a ausência de sangue.

— Paragem cardíaca instantânea — diz ele. — Quando o coração não consegue bombear sangue, a pessoa não sangra. O sangue infiltra-se.

Não consigo pensar nisso, na ideia de a mãe a ficar infiltrada. Por isso, opto por pensar em quão apropriado é o facto de ter sido ela a primeira a sofrer o embate, de ter sido ela a amparar-nos do choque. É lógico que a escolha não foi dela, mas seria todo o seu género.

Mas estarei eu morta? Eu, deitada na berma da estrada, com a perna pendurada na vala, estou rodeada por uma equipa de homens e mulheres que executam abluções frenéticas sobre mim e que me enfiam sabe-se lá o quê nas veias. Estou meio nua; os paramédicos arrancaram-

-me a parte de cima da camisola. Um dos meus seios está exposto. Envergonhada, resolvo olhar para outro lado.

A polícia colocou sinais luminosos ao longo do perímetro do local e instrui os veículos que se aproximam vindos de ambas as direções a voltarem para trás, pois a estrada encontra-se fechada. Educados, os agentes sugerem percursos alternativos que levarão as pessoas para os seus destinos.

Devem ter sítios para onde ir, as pessoas que seguem nesses veículos, mas muitas delas recusam-se a voltar para trás. Saem dos carros, abraçando-se a si mesmas para se protegerem do frio. Observam a cena. E depois desviam o olhar, algumas delas a chorar. Uma mulher vomita junto aos fetos na berma da estrada. E, apesar de não nos conhecerem nem saberem o que se passou, rezam por nós. Sinto-os a rezar.

O que também me faz pensar que estou morta. Isso e o facto de sentir o corpo completamente dormente, apesar de, ao olhar para mim e para a perna que a esfoliação de asfalto a noventa e cinco quilómetros por hora descascou até ao osso, dever estar num enorme sofrimento. E nem sequer estou a chorar, apesar de *saber* que algo de impen-sável acabou de suceder à minha família. Somos como o ovo Humpty Dumpty, que nenhum dos cavalos do rei, nem nenhum dos cavaleiros do rei, poderá reparar².

Penso em tudo isto quando a paramédica ruiva das sar-das que está ocupada comigo responde à minha dúvida.

— A Escala de Coma de Glasgow dela está em oito. Vamos pô-la a oxigénio, já! — grita.

² Referência à popular lengalenga inglesa, que retrata as desventuras de um ovo trapalhão que cai de um muro. (NT)

Ela e um paramédico com prognatismo enfiam-me um tubo pela garganta abaixo, prendem-lhe um saco com um balão e começam a bombear.

— Quanto tempo demora o helicóptero da emergência médica a chegar?

— Dez minutos — responde o médico. — E leva outros vinte a chegar à cidade.

— Vamos ter de chegar lá dentro de quinze, nem que tenhas de acelerar que nem um louco.

Percebo em que é que ele está a pensar; que não me vai adiantar nada meter-me noutra desastre. Tenho de concordar. Mas ele não diz nada. Limita-se a apertar os maxilares. Metem-me na ambulância; a ruiva trepa para a parte de trás e senta-se a meu lado. Bombeia o meu saco com uma mão, ajusta o soro e os monitores com a outra. A seguir alisa uma madeixa de cabelo da minha testa.

— Aguenta-te, miúda — diz-me.

* * *

Fiz o meu primeiro recital quando tinha dez anos. Nessa altura tocava violoncelo há dois anos. De início fazia-o apenas na escola, como parte do programa das aulas de Música. Foi uma sorte eles terem um violoncelo, porque estes instrumentos são muito caros e bastante frágeis. Porém, um velho professor de Literatura da universidade havia morrido e doara o seu *Hamburg* à nossa escola. O instrumento passava a maior parte do tempo a um canto, já que a maioria das crianças preferia aprender a tocar guitarra ou saxofone.

Quando anunciei aos meus pais que queria ser violoncelista, eles desataram a rir-se. Mais tarde pediram-

-me desculpa, alegando que a ideia da minha pequena pessoa com um instrumento tão desajeitado entre as minhas pernas lingrinhas era deveras cômica. Quando perceberam que eu estava a falar a sério, engoliram os risinhos e assumiram de imediato as suas expressões de apoio total.

Porém, ainda assim a sua reação magoou-me, de uma maneira que nunca lhes disse, de uma maneira que não creio que eles compreendessem, mesmo que lhes tivesse explicado. Às vezes, o pai dizia a brincar que o hospital onde eu nasci devia ter trocado os bebês, porque eu não era parecida com ninguém da família. Todos eles são louros e claros e eu sou como que o negativo da sua imagem, com o meu cabelo castanho e olhos escuros. Contudo, à medida que fui crescendo, a piada do hospital que o pai costumava contar começou a assumir mais significados do que aquele que me parece que ele pretendia passar. Às vezes sinto-me como se tivesse vindo de uma outra tribo. Eu não era como o meu irónico e sociável pai, nem como a miúda durona que era a minha mãe. Ainda por cima, só para piorar as coisas, em vez de aprender a tocar guitarra elétrica, fui escolher o violoncelo.

Todavia, na minha família, tocar música era mais importante do que o tipo de música que se tocava, de maneira que, quando, passados alguns meses, se tornou evidente que o meu amor pelo violoncelo não era nenhuma paixão passageira, os meus pais alugaram-me um para que eu pudesse ensaiar em casa. Escalas desafinadas e tríades levaram-me a uma primeira tentativa de *Brilha, Brilha, Lá no Céu*, o que acabou por conduzir aos estudos básicos, até que dei por mim a tocar suítes de Bach. O programa musical da minha escola não era

grande coisa, de maneira que a mãe arranjou-me um professor particular, um estudante universitário que vinha a minha casa uma vez por semana. Ao longo dos anos sucederam-se vários estudantes que vinham ensinar-me e que, à medida que os meus dotes suplantavam os deles, passavam a tocar comigo.

Este esquema prosseguiu até ao nono ano, altura em que o pai, que conhecera a professora Christie na altura em que trabalhara na loja dos discos, lhe perguntou se ela estaria disposta a dar-me lições privadas. Ela concordou em ouvir-me tocar, sem grandes expectativas, mas para fazer o favor ao pai, segundo me confidenciou mais tarde. Ela e o pai ficaram, no andar de baixo, a ouvir-me praticar uma sonata de Vivaldi. Quando descí para jantar, ela ofereceu-se para ajudar-me.

Mas o meu primeiro recital aconteceu muitos anos antes de conhecê-la. Foi numa sala de espetáculos na cidade, um sítio que normalmente recebe bandas locais, de modo que a acústica era péssima para qualquer música sem amplificadores, nomeadamente a música clássica. Eu ia tocar um solo de violoncelo da *Dança da Fada do Açúcar*, de Tchaikovsky.

Enquanto estava nos bastidores, a ouvir os outros miúdos a arranharem violinos e a martelarem pianos, estive quase para desistir. Corri para a porta dos artistas e fiquei agachada lá fora, a hiperventilar. O meu professor estudante entrou num semipânico e organizou uma pequena equipa de busca.

Quem me encontrou foi o meu pai. Havia iniciado há pouco tempo a sua transformação de rebelde para conservador, pelo que usava um fato *vintage* com um cinto de pele cheio de tachas de metal e botins pretos.

— Estás bem, Mia, ó minha Mia? — perguntou-me enquanto se sentava a meu lado nos degraus.

Abanei a cabeça, demasiado envergonhada para falar.

— O que se passa?

— Não consigo ir — respondi a chorar.

O pai arqueou uma das suas espessas sobrancelhas e fitou-me com os seus olhos azul-acinzentados. Senti-me como o exemplar de uma espécie estranha que ele investigava com todo o cuidado. O meu pai tocava em bandas desde sempre. Era óbvio que ele nunca tinha tido medo do palco.

— Bem, isso seria uma pena — disse ele. — É que eu tenho um presente de recital para ti que é magnífico. Melhor do que flores.

— Dá-o a outra pessoa. Eu não vou conseguir. Eu não sou como tu, nem como a mãe, nem sequer como Teddy. — Nessa altura, Teddy tinha apenas seis meses, mas eu já tinha a clara noção de que ele possuía mais personalidade e mais garra do que eu alguma vez poderia ter. Além de que, como é óbvio, ele era louro de olhos azuis. Mesmo que não fosse, tinha nascido num centro de nascimento e não num hospital, pelo que não havia hipótese nenhuma de uma troca acidental de bebés.

— É verdade — ponderou o pai. — Quando Teddy deu o seu primeiro concerto de harpa, estava completamente tranquilo. É realmente um prodígio.

Chorei a rir. O pai pôs-me o braço à volta dos ombros.

— Sabes, eu ficava sempre cheio de tremeliques antes de um concerto.

Olhei para o pai, que parece sempre tão seguro em relação a tudo no mundo.

— Oh, estás só a dizer isso por dizer.

Ele abanou a cabeça.

— Não estou, não. Era horrível, acredita. E eu era o baterista, por isso estava escondido lá atrás. Nunca ninguém me prestava atenção.

— E o que é que fazias?

— Embebedava-se — interrompeu a mãe, espreitando pela porta. Usava uma minissaia de vinil preta, um *top* de alças encarnado, e trazia Teddy, a babar-se, encantado, no seu fatinho *Baby Björn*. — Ele emborcava sempre duas garrafas de cerveja antes do concerto. Não me parece o mais aconselhável para ti.

— Acho que a tua mãe deve ter razão. A Segurança Social não gosta muito de crianças de dez anos bêbadas. Além do mais, quando largava as baquetas e vomitava em pleno palco, tudo isso era *punk*. Se tu deixares cair o teu arco e tresandares a cerveja, não vai parecer muito bem. Vocês, as pessoas da música erudita, são um bocadinho mais snobes.

Ri-me de novo. Ainda estava assustada, mas de certa forma era reconfortante pensar que talvez o medo do palco fosse uma característica que herdara do pai; se calhar, afinal não tinha sido trocada à nascença.

— E se me enganar? E se me correr tudo mal?

— Vê se percebes uma coisa, Mia. Ali dentro vai haver muitos maus, por isso, mesmo que te corra mal, não serás a única — disse a mãe. Teddy deu um guincho, como que a concordar.

— Mas, agora a sério, como conseguias controlar os nervos?

O pai continuava a sorrir, mas percebi que ficara sério porque começou a falar mais devagar.

— Não controlas. Simplesmente, funcionas assim. Aguentas-te, firme.

Foi o que fiz. Não fui brilhante, nem recebi uma ovação de pé, mas também não fiz asneira. E, depois do recital, recebi o meu presente. Estava à minha espera no banco do carro, com um ar tão humano quanto o do violoncelo que tanto me atraía dois anos antes. Aquele não era alugado. Era meu.

10h12

Quando a minha ambulância chega ao hospital mais próximo (não o da minha cidade mas o de uma pequena localidade que mais parece um lar de idosos do que um hospital), os médicos entram comigo a correr.

— Acho que temos aqui um pneumotórax. Entubem-na e levem-na daqui! — grita a paramédica ruiva simpática, ao mesmo tempo que me entrega a uma equipa de enfermeiras e de médicos.

— Onde estão os outros? — pergunta um tipo barbudo de bata.

— O outro condutor sofreu ligeiras concussões e está a ser tratado no local. Os pais já chegaram sem vida. Há um rapaz, com cerca de sete anos, mesmo atrás de nós.

Expirei profundamente, como se estivesse a conter a respiração durante vinte minutos. Depois de me ver naquela vala, não tinha conseguido procurar Teddy. Se ele estivesse como o pai e a mãe, como eu, eu... nem queria pensar nisso. Mas não está. Está vivo.

Levam-me para uma salinha com luzes intensas. Um médico unta-me o peito com uma coisa qualquer cor de

laranja e enfia um pequeno tubo de plástico para dentro de mim. Um outro médico aponta uma lanterna para o meu olho.

— Não está a reagir — diz à enfermeira. — Já chegou o helicóptero. Levem-na para a Traumatologia, já!

Tiram-me às pressas da Sala de Urgências e entram comigo no elevador. Tenho de correr para conseguir acompanhá-los. Mesmo antes de as portas se fecharem, reparo que Willow está lá dentro. O que é estranho. Nós íamos visitar Willow, Henry e a filha de ambos a casa deles. Será que foi chamada ao hospital por causa da neve? Por causa de nós? Willow anda pelo corredor de um lado para o outro, atarefada, e no rosto traz uma expressão de profunda concentração. Nem sequer sei se ela sabe que somos nós que estamos ali. Talvez tenha tentado telefonar-nos, talvez tenha deixado mensagem no telemóvel da mãe a explicar que tinha tido uma emergência e a pedir desculpa por não poder estar presente quando os fôssemos visitar.

O elevador sobe diretamente até ao telhado. No meio de um círculo vermelho enorme, está um helicóptero, com as suas lâminas a cortar o ar.

Nunca tinha estado num helicóptero. Kim, a minha melhor amiga, já. Sobrevoou o monte St. Helen com o tio, um fotógrafo muito conhecido que trabalha para a *National Geographic*.

— Ali estava ele, a falar da flora pós-vulcânica, quando de repente lhe vomito em cima — contou-me Kim na sala de estudos no dia seguinte. Ainda parecia meio esverdeada da experiência.

Kim costuma tratar do anuário e sonha em vir a ser fotógrafa. O tio tinha-a levado a andar de helicóptero

para lhe fazer uma surpresa e para alimentar o talento que nela despontava.

— Até lhe sujei algumas das suas câmaras — lamentou-se Kim. — Agora nunca mais vou ser fotógrafa.

— Existem fotógrafos de todos os géneros — consolou-a. — Não tens de andar por aí a voar de helicóptero.

Kim riu-se.

— Ainda bem. Porque eu nunca mais vou entrar num helicóptero; e tu também não devias!

Apetecia-me dizer a Kim que às vezes não temos hipótese de escolha.

Alguém abre a porta do helicóptero e a minha maca, com todos os seus tubos e fios, é carregada para o seu interior. Eu entro logo atrás. Um paramédico salta para o meu lado, sempre a bombear o pequeno balão de plástico que, ao que parece, está a respirar por mim. Assim que levantamos voo, percebo por que motivo Kim ficou tão enjoada. Um helicóptero não é como um avião, uma bala rápida e suave. Um helicóptero é mais parecido com um disco de hóquei lançado pelo céu. Para cima e para baixo, de um lado para o outro. Não faço a mínima ideia de como é que estas pessoas conseguem fazer o seu trabalho, como conseguem ler aquelas pequenas impressões de computador, como conseguem guiar aquilo ao mesmo tempo que comunicam dados acerca de mim através de auscultadores, nem como conseguem fazer seja o que for aos pulos daquela maneira.

O helicóptero entra num poço de ar, o que me daria todo o direito de ficar enjoada. Mas não sinto nada, pelo menos a versão de mim que é ali espectadora. E a versão de mim que está deitada na maca também não sente nada. Mais uma vez vejo-me obrigada a pensar se

estarei morta, mas forço-me a pensar que não. Eles não me teriam trazido para este helicóptero, não estariam a transportar-me sobre a floresta luxuriante se eu estivesse morta.

Além do mais, gosto de pensar que, se estivesse morta, a mãe e o pai já me teriam vindo buscar.

Vejo as horas no painel de comando. São 10.37. Pergunto a mim mesma o que estará a passar-se lá em baixo. Será que Willow percebeu com quem ocorrera o acidente? Alguém terá telefonado aos meus avós? Eles vivem a uma cidade de distância de nós e eu estava ansiosa por jantar com eles. O avô pesca e fuma os seus próprios salmões e ostras, e devia ser isso mesmo que iríamos jantar, acompanhado do pão escuro caseiro feito pela avó. A seguir, a avó levaria Teddy aos enormes ecopontos da cidade, onde iria deixá-lo escolher algumas revistas. Ultimamente, ele anda com a mania da *Reader's Digest*. Gosta de recortar as bandas desenhadas e de fazer colagens.

Penso em Kim. Hoje não há escola. O mais provável é que amanhã eu não vá à escola. Se calhar, ela vai pensar que estou a faltar porque fiquei até tarde a ouvir Adam e os Shooting Star em Portland.

Portland. Tenho a certeza de que estou a ser transportada para lá. O piloto do helicóptero está sempre a falar da Unidade de Traumatologia 1. Do outro lado da janela, vejo o pico do monte Hood a despontar. O que significa que Portland está próximo.

Será que Adam está mesmo lá? Ele tocou em Seattle na noite passada, mas fica sempre cheio de adrenalina depois de um concerto e guiar ajuda-o a acalmar-se. Normalmente, os outros membros da banda não se importam nada de deixá-lo guiar e aproveitam para dormir um

pouco. Se já estiver em Portland, o mais provável é que ainda esteja a dormir. Quando acordar, irá tomar café a Hawthorne? Será que vai para o Jardim Japonês com um livro? Foi o que fez da última vez que fui a Portland com ele, só que nessa altura estava mais calor. Hoje à tarde, sei que a banda vai fazer um teste de som. E que, a seguir, Adam irá lá para fora esperar que eu chegue. A princípio vai achar que estou atrasada. Como é que ele vai perceber que, na verdade, cheguei cedo de mais? Que cheguei a Portland esta manhã, quando a neve ainda estava a derreter?

* * *

— Já ouviste falar de um tipo chamado Yo-Yo Ma? — perguntou-me Adam. Estava no sexto ano e Adam no sétimo. Nessa altura, Adam andava a observar-me a praticar na sala de música há vários meses. A nossa escola era pública, mas era um daqueles estabelecimentos progressistas que costumavam ser referidos nas revistas nacionais por causa da ênfase que davam às artes. De facto, nós tínhamos imensas horas livres para pintar no estúdio ou para praticar música. Eu passava as minhas nas salas de música. Adam também costumava passar lá imenso tempo a tocar guitarra. Não a guitarra elétrica que toca na sua banda, mas sim melodias acústicas.

Revirei os olhos.

— Toda a gente ouviu falar de Yo-Yo Ma.

Adam sorriu. Reparei pela primeira vez que tinha um sorriso assimétrico, descaído para um dos lados. Preenheu o polegar, adornado com um anel, à presilha das calças.

— Acho que não conseguias encontrar aqui nem cinco pessoas que tivessem ouvido falar de Yo-Yo Ma. E, já agora, que raio de nome é esse? Isso é linguagem de gueto ou qualquer coisa do género? Tipo «Yo, Mama»?

— É um nome chinês.

Adam abanou a cabeça e riu-se.

— Conheço imensos chineses. Têm nomes como Wei Chin ou Lee qualquer coisa. Nada que se pareça com Yo-Yo Ma.

— Não podes estar a blasfemar o mestre — disse eu. Mas depois não aguentei e desatei-me a rir. Tinha demorado alguns meses a convencer-me de que Adam não andava a gozar comigo e a seguir a isso tínhamos começado a trocar este tipo de conversas no corredor.

Ainda assim, a atenção que ele me prestava deixava-me desconcertada. A questão não era que Adam fosse um miúdo muito popular. Não era nenhum atleta, nem aquele género destinado ao sucesso. Mas era *cool*. *Cool* porque tocava numa banda com pessoas que frequentavam a universidade. *Cool* porque tinha um estilo roqueiro muito próprio, conseguido em lojas de segunda mão e em vendas de garagem e não por imitações de marcas como a Urban Outfitters. *Cool* no sentido em que parecia absolutamente feliz quando o via no refeitório absorto a ler um livro e não apenas a ler por não ter mais nenhum lugar onde se sentar ou ninguém com quem se sentar. Não era esse o caso. Possuía um pequeno grupo de amigos e um enorme grupo de admiradores.

E eu também não era nenhuma totó. Tinha amigas e uma melhor amiga com quem costumava almoçar. Tinha outros bons amigos no campo de férias do conservatório a que costumava ir no verão. As pessoas até gostavam de mim, mas

também acho que não sabiam muito bem quem eu era. Eu era discreta nas aulas. Não levantava o braço muitas vezes, nem era insolente para com os professores. E andava sempre ocupada, a ensaiar ou a tocar num quarteto de cordas, ou em aulas teóricas na universidade municipal. Os miúdos até eram simpáticos comigo, mas tendiam a tratar-me como a uma adulta. Como se eu fosse uma espécie de professora. E ninguém namoriska com uma professora.

— O que dirias se eu tivesse bilhetes para o mestre? — perguntou-me Adam com um brilho nos olhos.

— Cala-te. Não tens nada — retorqui, empurrando-o com um bocadinho mais de força do que pretendia.

Adam fingiu embater contra uma parede de vidro. A seguir sacudiu-se.

— Tenho, sim. Vai ser naquele sítio, Schnitzle não sei quê, em Portland.

— Vai ser no Arlene Schnitzer Hall. Vai ser parte da sinfonia.

— Isso mesmo. Tenho bilhetes, dois. Estás interessada?

— Estás a gozar? Claro! Estava mortinha por ir, mas eles custam quase oitenta dólares cada. Espera, como é que arranjaste bilhetes?

— Um amigo da nossa família ofereceu-os aos meus pais, mas eles não podem ir. Não é nada de especial — apressou-se a acrescentar. — Bem, mas é na sexta-feira à noite. Se quiseres, vou buscar-te às cinco e meia e vamos de carro até Portland juntos.

— Está bem — respondi, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

No entanto, na sexta-feira à tarde estava mais nervosa do que quando sem querer bebi um jarro inteiro do café forte do pai para estudar para os exames finais no ano passado.

Não era Adam que me estava a deixar nervosa. Sentia-me cada vez mais à vontade com ele. Era a incerteza. O que era aquilo, ao certo? Um encontro romântico? Uma surpresa entre amigos? Um ato de caridade? Não gosto de não saber a quantas ando, tal como não gosto de andar às apalpadelas até interiorizar bem uma nova aprendizagem. É por isso que pratico tanto, para poder sentir-me em terreno firme e delinear os detalhes a seguir.

Mudei de roupa algumas seis vezes. Teddy, que na altura andava no infantário, ficou sentado no meu quarto, a puxar os livros do Calvin and Hobbes da estante e a fingir que os lia. Ria-se às gargalhadas, mas não sei se eram as figuras do Calvin ou se as minhas que ele achava tão cómicas.

A mãe espreitou pela porta para ver como é que as coisas estavam a andar.

— É só um rapaz, Mia — disse ela quando percebeu que começava a aperaltar-me.

— Pois, mas é só o primeiro rapaz com quem alguma vez saí e nem sequer sei que género de saída é esta. Não sei se hei de usar roupas de encontro romântico ou roupas de sinfonia; será que as pessoas cá se vestem de alguma maneira especial para esse tipo de coisas? Ou devo ir vestida de maneira normal, para o caso de *não* ser um encontro romântico?

— Acho que o melhor é vestires qualquer coisa com que te sintas bem — sugeriu a minha mãe. — Assim, ao menos vais tapada.

Tenho a certeza de que, no meu lugar, a mãe não teria tido qualquer tipo de reticência. Nas fotografias do tempo em que ela e o meu pai começaram a namorar, a minha mãe parecia uma mistura entre uma mulher fatal da década de 1930 e uma miúda *motard*, com o seu

penteadado de fada, os seus enormes olhos azuis pintados a lápis preto e o seu corpo escanzelado enfiado numa vestimenta *sexy*, como uma camisa de noite de renda muito *vintage* com umas calças de cabedal coleantes.

Suspirei. Quem me dera ser assim tão confiante. Acabei por escolher uma saia preta comprida e uma camisola de mangas curtas cor de vinho. Simples. A minha imagem de marca, acho eu.

Quando Adam apareceu com um fato escuro lustroso e uns sapatos *Creepers* (conjunto que impressionou profundamente o meu pai), percebi que aquele era realmente um encontro *a sério*. Claro que o facto de Adam se ter arranjado para a sinfonia e de ter optado por um fato lustroso da década de 1960 podia ser a sua versão *cool* de uma indumentária formal, mas eu sabia que havia ali mais qualquer coisa. Pareceu-me nervoso quando apertou a mão ao meu pai e lhe disse que tinha CD da sua antiga banda.

— Para usar como base de copos, espero — replicou o pai.

Adam pareceu ficar surpreendido, imagino que pouco habituado à possibilidade de os pais poderem ser mais sarcásticos do que os filhos.

— Miúdos, não entrem em histeria. No último concerto de Yo-Yo Ma, saíram muitos feridos da zona de moche! — gritou-nos a mãe enquanto começávamos a afastar-nos de casa.

— Os teus pais são tão fixes! — disse Adam, enquanto me abria a porta do carro.

— Pois são.

Avançámos para Portland, sempre a fazer conversa de chacha. Adam fez-me escutar excertos de bandas de

que gostava, como um trio de *pop* sueco que me pareceu monótono, mas depois uma banda da Islândia que tinha um som maravilhoso. Quando chegámos à baixa perdemo-nos, de maneira que chegámos à sala de concertos quase em cima da hora.

Os nossos lugares eram no segundo balcão. Parecia que estávamos num arranha-céus. Mas ninguém vai ouvir Yo-Yo Ma para admirar a vista e o som era incrível. Aquele homem tem uma maneira de fazer com que, num minuto, o violoncelo pareça uma mulher a chorar e, no outro, uma criança a rir. Quando o ouço, lembro-me sempre do motivo pelo qual comecei a tocar violoncelo: por haver algo de tão humano e expressivo naquele instrumento.

Quando o concerto começou, espirei para Adam pelo canto do olho. Parecia estar bem-disposto, mas não parava de olhar para o programa, provavelmente para contar os andamentos que faltavam até ao intervalo. Fiquei preocupada com a possibilidade de ele estar aborrecido, mas passado pouco tempo estava demasiado embrenhada na música para pensar nisso.

Então, quando Yo-Yo Ma tocou *Le Grand Tango*, Adam pegou-me na mão. Noutro contexto, aquela poderia ser uma situação um bocadinho rasca, aquele clássico do rapaz que boceja, espreguiça-se e aproveita para posar o braço sobre os ombros da miúda. Mas Adam nem sequer olhava para mim. De olhos fechados, balançava-se ligeiramente de um lado para o outro. Também ele se deixava levar pela música. Apertei-lhe a mão ao de leve e ficámos assim sentados até ao final do concerto.

A seguir comprámos cafés e *donuts* e caminhámos junto ao rio. Começava a escurecer e Adam tirou o casaco para com ele me cobrir os ombros.

— Não foi um amigo da tua família que te arranjou os bilhetes, pois não?

Pensei que soltasse uma gargalhada ou que esticasse os braços para cima em gesto de rendição, como costumava fazer na brincadeira quando se via sem argumentos. Mas Adam olhou diretamente para mim, de tal maneira que pude ver as pintas castanhas e cinzentas que lhe flutuavam nas íris.

— Foram duas semanas de gorjetas a entregar pizzas — admitiu.

Estaquei. Ouvia a água a gotejar lá em baixo.

— Porquê? Porquê eu?

— Nunca conheci ninguém que se envolvesse tanto com a música como tu. É por isso que gosto tanto de te ver a praticar. Ficas com uma ruga tão querida na testa, aqui mesmo — disse Adam, tocando-me na parte superior do nariz. — Eu sou obcecado por música e nem eu me sinto tão transportado como vejo que tu és.

— E então? Sou um género de experiência sociológica para ti? — Queria que a pergunta fosse uma piada, mas acabou por soar um pouco amarga.

— Não, não és nenhuma experiência — disse Adam. Estava rouco, parecia quase sufocado.

Senti o sangue a subir-me à cabeça e percebi que estava a corar. Pus-me a olhar fixamente para os sapatos. Sabia que Adam estava a olhar para mim, com tanta certeza como a que sabia que, se olhasse para cima, ele iria beijar-me. E fiquei espantada pela vontade que senti de que ele me beijasse, por descobrir que pensara tantas vezes nisso que memorizara a forma dos seus lábios, que imaginara como seria passar a ponta do dedo pelo seu queixo.

Vacilante, dirigi o olhar para cima. Adam estava à minha espera.

Foi assim que tudo começou.

12h19

Há muitas coisas que não estão bem em mim.

Ao que parece, um dos meus pulmões entrou em colapso. Tenho uma rutura no baço. Tenho uma hemorragia interna de origem desconhecida. E tenho contusões no cérebro, o que é o mais grave. Também tenho várias costelas partidas. Tenho abrasões nas pernas, pelo que irei necessitar de enxertos de pele, e no rosto também, o que irá exigir cirurgia plástica; mas isso, como fizeram notar os médicos, só irá acontecer se tiver sorte e se correr tudo bem.

Neste momento, na cirurgia, os médicos têm de me remover o baço, inserir um novo tubo para drenar o pulmão que entrou em colapso e estancar seja o que for que possa estar a provocar a hemorragia interna. Quanto ao meu cérebro, não há muito a fazer.

— Vamos esperar para ver — diz um dos cirurgiões enquanto analisa a TAC à minha cabeça. — Entretanto, liguem para o banco de sangue. Preciso de duas unidades de O negativo e reservem já outras duas.

O negativo. O meu grupo sanguíneo. Nunca tinha tido de pensar no assunto. Nunca tinha estado no hospital, a não ser quando cortei o tornozelo num pedaço de vidro. Nessa altura nem sequer precisei de levar pontos, só uma vacina contra o tétano.

Na sala de cirurgias, os médicos discutem que música hão de pôr, tal como fizemos no carro esta manhã. Um